

NOTAS HISTÓRICAS

Humanistas portugueses contemporâneos

Há-de entender-se aqui a palavra *humanista* em seu sentido restrito. Longe de querermos referir-nos àquele vago conceito do humano, a que muitos andam affectos, e que não implica necessariamente uma cultura greco-latina especializada ou sequer mediana, indicaremos apenas, por meio de tal palavra, os que, sem perda do seu sentido de humanismo integral, realizaram em nosso tempo menor ou maior parte do programa que para os cultores das letras gregas e latinas originou tal denominação.

Dentro deste especificado conceito, forçoso é verificar que o número de humanistas portugueses recentemente falecidos ou afastados da actividade normal que o humanismo pressupõe — únicos de que falamos aqui — é manifestamente reduzido. Da sua obra, mais ou menos completa, os actuais estudos greco-latinos algo têm aproveitado. Mas nem por isso podemos esquecer que as últimas vicissitudes das letras clássicas se revelam nitidamente nos próprios aspectos da actividade escolar desses humanistas.

Raro será aquele que não tenha vindo a público defender o prestígio e o valor dos estudos da sua especialidade, e raro será também o que não tenha intervindo em reformas e programas do ensino liceal e superior, no sentido de um maior alargamento do quadro das letras clássicas. Não se entremostra, nesse aspecto da sua actividade externa, qualquer jeito de interessado clamor *pro domo sua*, mas tão-sòmente o claro intuito de orientar a instrução pública, em meio das constantes alegações que os cultores das técnicas e ciências modernas levantavam contra elas.

Não se pode negar que, de modo geral, tais arremetidas vingaram, apesar dos esforços desses humanistas. A aristo-

crática soledade dos actuaes estudos clássicos é filha da incompreensão de muitos e da ignorância da maior parte; e, se bem que se vá agora, de quando em quando, vencendo a força da corrente, por muito tempo ainda serão visíveis os estragos causados na cultura humanista pelas tendências de absorção de quantos procuram mais depressa o domínio da técnica e as facilidades da vida prática, do que estimam os dons do espírito, que somente uma contínua e longa peregrinação nos permite criar.

Valor ou deficiência característica da cultura clássica é esta de que os seus efeitos intelectuais e sociais não são inteiramente visíveis, por isso mesmo que a sociedade se modificou e vive para outros objectivos. O prestígio que possuía em circunstâncias históricas que ela mesma influenciava ou de que era reflexo, foi-se perdendo lentamente, embora estejamos em crer que não aconteceu isso tanto por seu defeito intrínseco como por inadaptação dos seus cultores.

Assim é que, ao mesmo tempo que o seu prestígio se comprometia, levado de vencida por vantagens externas e materiais, que a cultura das chamadas humanidades modernas originava, o estudo das humanidades clássicas mais e mais se requintava e se afastava dos interesses imediatos dos novos espíritos. Em vez de se patentear particularmente o sentido do humano que as letras clássicas possuíam, em vez de se pôr em evidência o interesse filosófico, estético, sentimental e moral que nelas se continha, entrou-se pelo caminho da investigação erudita e científica, para acompanhar, é verdade, a tendência dos estudos linguísticos modernos, mas caindo assim em processos de investigação que só um conhecimento muito completo das línguas clássicas e um amor e interesse já manifestos pelas respectivas literaturas poderiam indicar e favorecer.

A verdade, porém, é que as sucessivas limitações do estudo das letras clássicas no quadro do ensino liceal, derivadas muitas vezes da insuficiência ou número reduzido de professores aptos para tal ensino, em virtude de anteriores circunstâncias sociais e políticas, deixavam os alunos do curso secundário deficientemente preparados no domínio e cultivo dessas matérias. Antes de se entrar no conhecimento filológico e científico do grego e do latim, forçoso era, portanto, desenvolver, por meios

adequados, nos futuros alunos dos cursos de especial formação científica, o gosto e a segurança destas línguas e patentear-lhes o sistema das ideias e sentimentos que podiam interessar aos problemas do mundo moderno. Só nas altas esferas da investigação científica se estudam as leis e fenómenos da vida por amor dessas leis e fenómenos. Mas esse mesmo amor desinteressado não pode criar-se, sem que tenha anteriormente havido um interesse mais imediato e impulsivo.

*

*

*

A orientação filológica alemã, com suas ramificações de origem francesa, entrou em Portugal com Adolfo Coelho, para o domínio das línguas românicas, e com Epifânio Dias, para o campo menos cultivado das línguas clássicas. Desta última circunstância resultou conseqüentemente uma inferioridade manifesta no número de investigações linguísticas respeitantes ao grego e ao latim.

Não teria sido estranha a razões de patriotismo e de interesse mais imediato a preferência que os próprios cultores das letras clássicas deram aos estudos de filologia românica. Mas certamente andou nisso também a impossibilidade de criar, nos cursos superiores, um corpo de investigadores decididos e ardorosos, cujo interesse só poderia provir de um ambiente favorável à difusão da cultura clássica. Ora esse ambiente tinha de ser previamente criado e cultivado por espíritos menos afeitos à investigação científica do que ao estudo e discussão das literaturas antigas, por isso mesmo que a sua capacidade de irradiação era maior e mais dúctil.

Colocado deste modo na alternativa de criar um clima de cultura clássica suficientemente largo e maleável, e de seguir os caminhos da investigação científica que outros países, mais ricos no conhecimento das línguas clássicas e no gosto e difusão das respectivas literaturas, haviam aberto, o ensino humanístico em Portugal encaminhou-se para esta última solução, originando assim à sua volta a rarefeita atmosfera que levou à incompreensão de muitos e ao declarado menosprezo de alguns.

O problema dos estudos clássicos em Portugal era bastante diferente daquele que se propunha a outros povos, porque era duplo e espinhoso em cada um dos seus aspectos. A sua renovação — que para esses países consistia essencialmente em melhorar os métodos de investigação e em abrir novos caminhos de utilidade científica para o estudo das línguas modernas — dependia em Portugal não só desse factor, mas também de um outro, para nós importantíssimo: — o da prévia difusão do conhecimento prático e, digamos, utilitário das línguas e letras clássicas.

De modo geral, não se enveredou por este primeiro e tão necessário caminho. Os poucos alunos que chegavam às Universidades já dotados desse conhecimento, ou que nelas facilmente o puderam aperfeiçoar, entraram com gosto no domínio da investigação filológica ou, pelo menos, no estudo das suas observações e conclusões. Mas a maioria dos espíritos dados ao cultivo das línguas modernas e aos problemas das literaturas respectivas viram fechado para si, por insuficiente domínio das línguas clássicas, o horizonte estético e mental de que necessitavam.

Nada se ganha em ocultar a verdade. E a verdade é que os próprios cultores da filologia clássica, solicitados por um ambiente mais favorável ao estudo das línguas românicas e pelo imenso campo inexplorado que se abria na zona da língua portuguesa, puseram, na maior parte, a sua preparação e esforço ao serviço da língua e da literatura nacional. A própria defesa dos estudos clássicos passa a fazer-se neste último sentido, e as razões filológicas acumulam-se para mostrar o valor *instrumental* das línguas clássicas, — o que, se não era caminho a que faltasse verdade, era pelo menos incompleto e errado para a compreensão afectiva do público médio português.

Em 1861, António José Viale abria as aulas de Literatura Antiga na Curso Superior de Letras, salientando o valor cultural e estético das letras clássicas e manifestando o propósito de «procurar infundir nos animos juvenis, não uma esteril admiração, mas um louvável desejo de louvar ou de reformar o proprio gosto litterario». Ao mesmo tempo, valia-se dos argumentos de Villemain para mostrar que o estudo da literatura grega e latina não era obstáculo ao livre desenvolvimento do engenho

nem cerceava as asas do génio. Era o puro cultor das letras clássicas, que se carteava em grego e latim com os seus discípulos, entre os quais figuram Epifânio e Gonçalves Viana, que nele falava.

Mas, em 1894 e em 1911, Gonçalves Guimarães e Leite de Vasconcelos punham em novos termos a defesa dos estudos greco-latinos. O primeiro assentava os seus argumentos em razões de ordem linguística, mostrando a necessidade do estudo do grego para a completa compreensão do vocabulário técnico das ciências naturais e da medicina. O segundo, frisando embora o valor cultural e formativo do estudo do latim, insistia no seu valor instrumental, posto ao serviço da filologia românica e, particularmente, da filologia portuguesa.

Manifestavam-se aqui as tendências particulares de dois infatigáveis espíritos, um a combinar as letras clássicas com o cultivo das ciências naturais, outro a procurar no latim a veia perene dos seus interesses mais directos. Mas neles se revelava também a evolução do ambiente cultural português, que tendia a fazer dos estudos clássicos uma especialização a seu modo técnica, circunscrita a raros eleitos, e se fechava para o conhecimento geral e directo das literaturas antigas.

*
* *

Mal colectivo, não seremos nós quem vá atirar aos estudos liceais ou aos estudos universitários desse tempo a primeira pedra. Muito menos ainda nos esqueceremos de que a actividade dos nossos mais recentes humanistas pretendeu várias vezes forçar as condições insufficientíssimas da preparação para os estudos superiores do grego e do latim. E igualmente nos é impedido esquecer que a actividade renovadora de um Epifânio Dias, de um Júlio Moreira e de um Gonçalves Guimarães no campo dos estudos clássicos estava dentro das suas atribuições e correspondia à elevada categoria mental dos seus espíritos. A eles, a outros continuadores e aos seus discípulos se deve que Portugal tenha acompanhado a renovação da ciência linguística estrangeira referente ao grego e ao latim. A eles tam-

bém se ficou devendo a limitada, mas ainda assim única, difusão das investigações e conclusões da filologia clássica.

Novos livros didácticos apareceram ao público português. O ensino do grego e do latim melhorou nas suas bases científicas, na iluminação dos seus problemas e nas próprias condições técnicas da sua didáctica. Somente, contra os seus próprios esforços, o quadro desses estudos diminuiu, o interesse social fragmentou-se, e novas necessidades instantes e permanentes solicitaram a maioria dos espíritos para os problemas da cultura técnica e prática.

A actual falta de professores para o ensino do latim e a exclusão do grego do quadro das disciplinas liceais são directa consequência de tais factores. Mas os poucos espíritos que, lutando por vezes com a incompreensão do ambiente, conseguiram adquirir a preparação suficiente e necessária, logo se ergueram a altas regiões da investigação linguística e revelaram, na segurança da erudição, no seu labor didáctico, e até no comentário incisivo e clarificante de algumas obras da literatura portuguesa antiga, a excelência da sua formação clássica e a vasta projecção do seu saber.

Foram professores públicos ou particulares de línguas clássicas António José Viale, Epifânio Dias, Júlio Moreira, Gonçalves Guimarães, José Maria Rodrigues, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos e Carlos Eugénio Correia da Silva (Paço de Arcos). E quem ignora até que ponto alto e largo de perspectivas a cultura clássica não influiu nos seus estudos da língua portuguesa, na investigação ou solução dos nossos problemas filológicos, na iluminação das nossas obras literárias antigas e até na criação de discípulos de segura formação científica?

Poucos como eram, mas tais como poucos há, ficaram longe de realizar todo o seu programa. Mas nem por isso faltou ao plano disperso das suas realizações aquele mesmo sentido do interesse nacional que os inclinou para o estudo da filologia românica e aquele espírito científico que lá fora renovava e valorizava com novas aquisições o sector cultural dos estudos linguísticos.

Em 1911, José Leite de Vasconcelos inaugurava o seu curso de Língua e Literatura Latinas na Faculdade de Letras de Lis-

boa, e, insistindo embora na importância dos estudos desta natureza dentro dos domínios da filologia, não esqueceu o interesse que a literatura do Lácio teria para o estudo dos nossos escritores clássicos e sobretudo para o daqueles que, latinos pela linguagem, foram nos séculos XVI, XVII e XVIII portugueses pelo espírito e pelo coração.

O estudo destes últimos autores mereceu-lhe especial referência. Segundo as suas próprias expressões, a literatura latino-nacional, «não obstante a cópia de matérias archivadas na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, no *Index* dos codices de Alcobaça, e em algumas obras de *Historiographia* científica, nunca foi estudada, nem no conjunto, nem de modo synthetico, nem mesmo com relação a auctores avulsos. Como mereceria a pena que alguém tomasse a empresa nos ombros, e nos desse, por exemplo, uma bibliographia completa, uma resenha dos caracteres d'essa litteratura, uma monographia do latim de André de Rêsende, de Diogo de Teive, e assim por diante! A tarefa poderia alargar-se, e virmos a obter uma historia do *latim em Portugal*: não só o emprêgo litterario, senão tambem menção das edições e commentos, quer em latim, quer em português, que entre nós se fizeram de auctores antigos; noticia das traducções, das obras didacticas (grammaticas, dictionarios, selectas), do ensino escolar; a influencia geral, — tudo explicado, analysado, e submettido á fieira da crítica».

Uma história do latim em Portugal, eis, portanto, a obra de benemerência e de cultura que aos estudiosos da filologia clássica se apresentava como serviço nacional. Para isso, porém, haviam de acumular-se as monografias e os estudos parcelares, literários e linguísticos, onde a informação histórica e filológica caminhasse pelos modernos caminhos da investigação científica.

Tarefa desmedida para as dizimadas hostes da filologia clássica... E tarefa tanto maior quanto as circunstâncias especiais dos estudos greco-latinos obrigavam os seus melhores cultores a dispersarem-se pela actividade docente, pela organização de obras didácticas, pela análise e estudo das línguas românicas, deixando-lhes limitado tempo para os enlevos da pura investigação linguística ou para a análise filológica e literária dos nossos autores latinos do Renascimento.

Mais recentes monografias de filólogos e humanistas contemporâneos têm anunciado a tentativa de realizar essa tarefa. Mas os seus trabalhos dispersos esperam ainda maior largueza de investigação para se erguerem à síntese e ao bosquejo histórico da nossa actividade humanista nos séculos de Quinhentos a Setecentos.

Desmedido seria, pois, o nosso intuito, se pretendêssemos, por nossa parte, historiar o movimento dos nossos estudos clássicos no final do século XIX e princípios do século decorrente. No entanto, a rápida enumeração e caracterização geral da actividade de cada um dos nossos humanistas mais recentes permitirá a quem nos ler fazer ideia da importância do que fizeram e do que desejavam fazer.

*
* *

Já vimos que foi a António José Viale que Epifânio Dias e Gonçalves Viana ficaram devendo a sua preparação no campo das letras clássicas. O domínio que Epifânio Dias possuía do grego e do latim facilitou-lhe a tarefa da renovação científica dos respectivos estudos. Mas o antigo professor do Curso Superior de Letras fizera a sua formação anteriormente ao aparecimento entre nós dos métodos científicos europeus. A sua *Miscellanea Hellenico-Litteraria*, se não revela sentido filológico apurado, mostra, no entanto, claras aptidões didácticas e um intuito de divulgação que olhava principalmente ao conhecimento literário das obras dos escritores greco-latinos.

Epifânio Dias foi professor de grego e de latim em vários liceus do país, e, finalmente, professor de grego no Curso Superior de Letras e na Faculdade de Letras de Lisboa. Apesar de reger apenas esta última disciplina, a feição comparativista que dava ao seu ensino permitia-lhe, concomitantemente, revelar os seus conhecimentos nas duas línguas e nelas orientar os seus alunos. As necessidades de divulgação que o ambiente português impunha deram necessariamente à sua actividade primordial aspecto didáctico; mas, não obstante, a novidade das informações e o rigor da documentação e sistematização mani-

festavam nele o constante labor da investigação ou da assimilação do saber linguístico estrangeiro.

A novidade dessas obras didácticas, enriquecidas com as mais recentes informações da gramática histórica, não foi imediatamente compreendida e aceite. O inovador teve de gastar-se em polémicas um tanto longas e aceradas, que nem por isso deixaram de contribuir para a melhoria das condições didácticas em que eram feitos os estudos clássicos entre nós.

Júlio Moreira, professor particular de grego e de latim, acompanhou-o na renovação das obras escolares e no valor científico das interpretações e dos comentários gramaticais. Por sua vez, Gonçalves Guimarães, professor catedrático de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Letras de Coimbra, em acumulação com a regência de Gramática Comparativa do Grego e do Latim, instaurava em Portugal a pronúncia normal do latim clássico, organizando um breviário dessa pronúncia publicado em 1913, e defendia, como vimos, o estudo do grego nos cursos preparatórios para os estudos de Filosofia, Ciências Naturais e Medicina.

José Maria Rodrigues foi também professor catedrático de Língua e Literatura Grega na Faculdade de Letras de Lisboa, depois de igualmente o haver sido no antigo Curso Superior de Letras. E, se bem que nos não deixasse obras e estudos especiais do grego e do latim, os seus trabalhos de investigação e estudos dos problemas de fontes denunciavam desde logo uma longa convivência com os autores clássicos. Teses de teologia escritas em latim mostram, por sua vez, quanto lhe era familiar esta língua.

José Joaquim Nunes foi professor catedrático de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Letras de Lisboa, mas deu-se particularmente aos estudos de filologia românica, o que, ainda assim, o não impediu de colaborar na organização de obras didácticas respeitantes à língua latina e de escrever notícias críticas e bibliográficas para revistas da especialidade.

Semelhantes se apresentam as características da actividade de José Leite de Vasconcelos, como professor extraordinário da Secção de Filologia Clássica e encarregado da regência de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Letras de Lisboa. No entanto, apesar do reduzido âmbito dos seus trabalhos greco-

-latinos, nem por isso se torna necessário pôr em evidência quanto o conhecimento das línguas clássicas facilitou a sua tarefa de filólogo, de etnólogo e de polígrafo erudito.

Mais inclinado ao estudo das línguas e literaturas antigas foi o malgrado espírito de Carlos Eugénio Correia da Silva (Paço de Arcos). Professor durante um escasso ano lectivo na Faculdade de Letras de Lisboa, dele nos ficou, como tese de licenciatura, o *Ensaio sobre os Latinismos dos Lusíadas* e vários estudos clássicos menores, insertos no volume *Vita Brevis*.

Finalmente, se não foram professores de línguas clássicas nem para aí voltaram particularmente a sua actividade, delas mostraram no entanto notável conhecimento três ilustres professores da Faculdade de Letras de Coimbra: — D. Carolina Michaëlis, António Garcia Ribeiro de Vasconcelos e D. Manuel Gonçalves Cerejeira. E mostraram-no, no ponto mesmo em que esses conhecimentos facilitaram a sua tarefa erudita, a sua investigação conscienciosa e a sua actividade docente.

*
* *
*

Não obstante, cremos poder verificar-se mais uma vez, através deste rápido conspecto geral, que os humanistas portugueses contemporâneos, obrigados a dividirem-se por múltiplas tarefas, na febre de preencherem com a variedade das investigações e dos temas estudados as lacunas do nosso movimento intelectual nos fins do século XIX e princípios do século decorrente, tiveram de multiplicar-se em esforços repetidos, em diversas funções oficiais e em vários campos de actividade intelectual.

As circunstâncias particulares do nosso ensino não lhes permitiram, de modo geral, entregar-se à investigação puramente clássica, e o número diminuto de obreiros não lhes concedeu suficiente desafogo de braços, para que a actividade docente lhes não limitasse ou circunscrevesse o campo das suas investigações. No domínio dos estudos clássicos, o ministério didáctico absorveu-lhes grande parte da atenção.

Mas a sua seriedade intelectual, o seu escrúpulo científico e a projecção do seu saber no campo da filologia românica dificilmente se apagarão entre nós, como timbre de quem, honrando as letras clássicas, igualmente se honrou e nos honrou.

F. COSTA MARQUES

N. B. — Indicamos a seguir, por ordem cronológica, as principais obras em que achámos parte dos elementos que nos serviram para redigirmos esta breve notícia histórica. Nelas encontrará o leitor interessado a enumeração bibliográfica dos estudos, edições, traduções, comentários e escritos greco-latinos dos nossos mais recentes humanistas.

Desnecessário se torna acrescentar que foi igualmente no conhecimento das publicações desses humanistas que baseámos a outra parte das afirmações que fizemos.

- ANTÓNIO JOSÉ VIALE — *Miscellanea Hellenico-Litteraria*. Imprensa Nacional, Lisboa, 1868.
- A. J. GONÇALVES GUIMARÃES — *O Grego em Portugal*. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1894.
- JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS — *Da Importancia do Latim*. Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1911.
— *Prefação* ao volume II dos *Estudos da Lingua Portuguesa*, por Júlio Moreira. Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1913.
- A. J. GONÇALVES GUIMARÃES — *Breviário da Pronúncia Normal do Latim Clássico*. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1913.
- JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS — *Epiphânio Dias*. Sua Vida e Labor Científico. Imprensa Nacional de Lisboa, 1922.
- F. REBELO GONÇALVES — *Epiphânio Dias*. Separata da «Revista da Faculdade de Letras», tomo II, Lisboa, 1934.
- GUSTAVO CORDEIRO RAMOS — *Elogio Histórico do Prof. José Joaquim Nunes*. No «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», vol. IX, 1937, págs. 135-165.
- ANSELMO FERRAZ DE CARVALHO — *Doutor Gonçalves Guimarães*. Separata de «O Instituto», vol. 100.º Coimbra Editora, Coimbra, 1942.
- JÚLIO DANTAS, REBELO GONÇALVES e GUSTAVO CORDEIRO RAMOS — *Discursos na Sessão de Homenagem ao Insigne Sábio e Académico Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos* em 15 de Dezembro de 1941. Separata do «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», vol. XIII, Lisboa, 1942.
- JOSÉ MARIA RODRIGUES, JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS e ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELOS (*Bibliografias de —*). No «Anuário Académico de 1942». Academia das Ciências, Lisboa, 1942.

O Instituto de Estudos Romanos

O Instituto de Estudos Romanos — *Istituto di Studi Romani*, ou abreviadamente *Studi Romani*, a primeira em data das realizações culturais do fascismo italiano, obra de Carlos Galassi Paluzzi, notável figura de animador e de entusiasta pelos estudos clássicos, em especial pelos referentes à Urbe —, embora tenha começado juridicamente em 21 de Março de 1925, tem remota origem na fundação do cenáculo da revista *Roma*, em Novembro de 1922, pouco depois da célebre marcha sobre Roma. Ao lado do ideal de nacionalismo expansionista italiano através do mundo, de envolta com a propaganda indirecta do regime que a tornou possível, esta instituição apresenta-nos uma atitude curiosíssima de defesa de um património cultural de vastíssima projecção no tempo e no espaço, servida por autêntico escol de dedicações e competências.

Como o nome o indica, interessa aos seus estudos tudo quanto se relacione com Roma, com a magnífica civilização de que proveio o mundo moderno, «linfa simultaneamente vivificadora da nossa civilização nacional e da civilização europeia». O seu objectivo é — di-lo Galassi Paluzzi — «tornar mais conhecidas, e por isso mais dignamente amadas, Roma e a romanidade, potência e acto — se assim se pode dizer — da forma mais alta de harmonioso e equilibrado desenvolvimento da sociedade humana; saber aonde Roma hauriu a prudência e a virtude, e como, assim apetrechada, conquistou, governou, modelou — e continua ainda a modelar — os povos à sua imagem e semelhança; perscrutar com ardor reverente e amor imparcial o mistério daquela *Roma onde Cristo é romano*; apreender e determinar os motivos geológicos, climatológicos,

filológicos, militares, políticos, sociológicos, filosóficos e religiosos que tornaram Roma a inspiradora de uma forma de civilização inexcedível; saber perscrutar, determinar tudo isto, não só pela pura satisfação que nos proporcionam a erudição e a cultura, mas para transformarmos em virilmente consciente o amor instintivo que todos a Roma dedicamos, e para assim, conhecendo melhor o passado, numa disciplina mais severa e mais metódica, reencontrarmos o espírito romano, hoje, e afirmarmo-lo novamente e expandirmo-lo, amanhã».

Precisando o seu pensamento, o ilustre fundador, no acto da constituição do Instituto, ao traçar o programa dos Cursos Superiores de Estudos Romanos, em 1926, e em muitas ocasiões mais, estabeleceu os pontos fundamentais da acção que o Instituto iria desenvolver. Roma é um mundo, de modo que tem de considerar-se, numa visão simultaneamente totalitária e unitária, como uma realidade viva, longe da ideia de investigações anatómicas, como se se tratasse de civilizações desaparecidas. E assim na selecção dos colaboradores deve atender-se, como elementos indispensáveis e complementares, à universalidade e à excelência da cultura. Todos os assuntos devem encarar-se nas devidas proporções qualitativas e quantitativas: tratando-se de Roma, nada se pode fazer em ponto pequeno, sob pena de inêxito, o que não quer dizer que o *grande* não seja constituído por uma infinidade de coisas pequenas, conseguido à custa de incansável paciência. A concluir: impõe-se uma organização férrea que traduza em acto os fundamentos apresentados.

Nesta ordem de ideias, como se pode ver pelos factos e pelos números que o Instituto nos apresenta, as promessas foram plenamente realizadas e o labor desta admirável instituição cultural tornou-se assim largamente benemérito, pela união da investigação científica, levada a cabo dentro do mais seguro critério, e da organização metódica de tudo o referente a Roma, com o fim de preparar a actividade de divulgação científica, entre outros fins.

O Instituto de Estudos Romanos nada menosprezou do ideal proposto. Assim dedicou-se à documentação, que tem de ser a base de qualquer estudo, da investigação no campo científico; à história politico-militar e social; à história religiosa; à

história monumental e municipal da Urbe; à língua; ao direito; à alta divulgação; e, finalmente, às publicações, concluindo por uma organização metódica de todas as forças científicas que, em qualquer parte do mundo, se tenham ocupado de Roma e da civilização do Lácio.

Colaboraram, na preparação da parte documental, mais de 150 bibliotecas, e o Instituto recolheu cerca de 900.000 fichas. Notáveis são os seus empreendimentos bibliográficos, entre ficheiros, bibliografias impressas e materiais de trabalho. Mencionemos alguns: o *Schedario Centrale di Bibliografia Romana*, que contém mais de 603.000 fichas; o *Schedario di Onomastica e Toponomastica di Roma e del Lazio*, com mais de 32.000 fichas; o *Repertorio bibliografico di Roma monumentale*, com cerca de 38.000 fichas; o *Schedario di Antiquariato*, com 150.000 fichas; *Bibliografia Vaticana*, com cerca de 20.000 fichas; *Bibliografia del Risorgimento in Roma*, com cerca de 700 fichas; o *Bollettino Sistematico di Bibliografia Romana*, que já publicou o 1.º volume com 9.640 vocábulos e recolheu mais de 34.000 fichas para os anos seguintes; as «guias bibliográficas da Itália romana», de que está publicado o 1.º volume — *Bibliografia Romano-Sarda*, com 900 vocábulos —; e os *Saggi di Bibliografia Romana*, de que há publicados dois volumes: o primeiro, *Guida bibliografica per lo studio del Diritto Comune Pontificio*, com a indicação de 1.174 trabalhos sistematicamente divididos, e o segundo, dedicado aos *Codici delle Magnae Derivationes* de Ugucione da Pisa e do *Catholicon* de Giovanni da Genova. Citaremos ainda a *Fototeca Romana*, com 22.000 elementos, diapositivos, negativos e positivos; o *Schedario Iconografico dell'Urbe*, com 49.000 fichas; e a Biblioteca, que possui cerca de 4.000 espécies bibliográficas — volumes, opúsculos e extractos — e uma centena de publicações periódicas.

Na parte respeitante à história politico-militar e social, prepara o Instituto uma *Storia di Roma* em trinta volumes, de que foram publicados seis (1). Quanto à história religiosa, dá-se nova-

(1) Esta história é precedida de um volume de introdução (sumários, estrutura da obra, etc.).

mente à Roma cristã o lugar de alto relevo que lhe compete. Publicam-se estudos vários acerca de «Roma centro de vida missionária» e da «Romanidade dos Santos». Sob o tema «Roma onde Cristo é romano», organizou-se um ciclo de conferências, em que colaboraram, entre outros notáveis valores da mentalidade católica e dos sectores mais cultos da Itália, os Cardeais La Puma, Laurenti, Pacelli, Salotti, Serafini, Monseñores Borgongini Duca, Costantini, P. Tacchi Venturi, etc., e prepara-se uma grande História dos Papas em 24 volumes. No concernente à história mundial e municipal da Cidade, o Instituto tem uma grandiosa colecção em 10 volumes, a ilustrar a história citadina sob os aspectos monumental e institucional, e possui vários volumes dedicados aos problemas urbanísticos de Roma, e em preparação, sob o título de *Collectanea Romana*, o estudo das fontes da história urbana da grande capital.

Mas onde o Instituto se torna um verdadeiro centro mundial, em cujas actividades participam sábios de todos os continentes, é na parte referente aos estudos da língua. Quando a Itália entrou na guerra, pertenciam ao «Centro Internacional» do Instituto três quartas partes dos latinistas mais notáveis do mundo. A sua actividade distribui-se pela feitura de dicionários da língua latina (1), por concursos nacionais de prosa latina, por um centro internacional de informações para tudo o que concirna ao estudo e uso do idioma latino, pela redacção de um boletim internacional intitulado *Per lo studio e l'uso del latino*, pela Repartição Nacional de Tradução em Língua Latina e pelo Centro Didáctico Nacional para o Latim.

Dedica-se também ao direito e organizou o I Congresso Internacional de Direito Romano, em que tomaram parte duzentos estudiosos pertencentes a catorze nações e cujos trabalhos se encontram publicados em quatro grossos volumes; e promove ainda, com o zelo que põe em todos os seus empreendimentos, o renascimento do estudo do direito comum pontifício.

A vulgarização é sempre um escolho para quem se dedica a tal modalidade da actividade intelectual. O Instituto realizou

(1) O Dicionário Latino-Italiano em preparação deverá contar cerca do dobro dos vocábulos existentes no maior dicionário em uso.

ainda neste capítulo obra sem par, pondo ao seu serviço os meios mais apropriados, tudo sabendo metódicamente ordenar e coordenar. É lembrarmo-nos dos Cursos Superiores de Estudos Romanos, com a participação de 511 professores e conferencistas, dos quais 139 estranhos à Itália, com a representação de 27 nações, a registarem 1.888 lições e leituras. Não se pode descurar a citação da actividade artística, — os concertos e audições musicais, ilustrativos, especialmente, da difusão mundial do canto gregoriano e da polifonia palestriniana, grandes exposições histórico-artísticas, com abundantes visitas aos vestígios de um passado cada vez mais cheio de prestígio.

O Instituto de Estudos Romanos distingue-se ainda pela prodigiosa actividade editorial. Sem falar de obras consideradas menores, resultantes de votos de congressos, de concursos nacionais, etc., contam-se cerca de 114 volumes, em que trabalharam 868 autores (sendo estrangeiros 176). Em Abril de 1942 estavam a editar-se e a publicar-se 65 volumes; os «cadernos» publicados eram 138, e ia concluir-se a publicação de mais 63. Quanto a periódicos, possuía a revista *Roma*, o *Bollettino di Bibliografia Romana*, o boletim internacional *Per lo studio e l'uso del latino* e a *Rassegna di informazioni* do Instituto. De uma completa e segura edição crítica dos monumentos romanos estava anunciado para o mesmo ano o 1.º volume.

Há ainda a averbar em seu favor a organização metódica de todas as energias que têm por fim a investigação dos problemas concernentes à civilização romana. Até 1942 foram cinco os Congressos Nacionais de Estudos Romanos, sem falar no Congresso Internacional de Direito Romano. Além de muitas secções do Instituto existentes na Itália e nos outros países, o Instituto de Estudos Romanos aumentou o número e a qualidade das suas benemerências na esfera cultural, multiplicando os congressos e procedendo a grandes celebrações de carácter internacional, — comemorações de Virgílio, de Horácio, de Augusto, de Tito Livio. Acorriam a Roma sábios estrangeiros, para falarem nos Cursos Superiores de Estudos Romanos, e o Instituto estava em comunicação com inúmeras instituições culturais do mundo. Projectava-se mesmo para breve um Centro Internacional de Estudos Romanos.

*
* * *

Concluída esta breve resenha das magníficas realizações desta notável colectividade intelectual — honra da Itália e dos eminentes sábios e homens de acção que a urdiram e executaram —, detenhamo-nos agora perante a acção do Instituto quanto ao problema da língua latina no mundo.

Convencido de que as línguas internacionais só podem impor-se, e ainda assim espiritualmente, pela acção vitoriosamente imperial de um povo inteiro, e de que é utopia pensar-se no latim como língua internacional, pois para isso teria de ser ao mesmo tempo compreendido por cultos e incultos, propõe o latim como a única língua auxiliar possível no mundo internacional da ciência. De facto, tem-se multiplicado em periódicos científicos o uso de línguas pouco conhecidas, e, como há a necessidade de todos os estudiosos se inteirarem rapidamente dos resultados das investigações dos vários ramos da ciência, profundando só aqueles que interessem aos seus trabalhos individuais, só se vê a solução ideal do problema na adopção do latim em resumos a publicar de cada artigo dos referidos periódicos. Não se pensa assim — conclui Galassi Paluzzi — por saudade do passado ou sentimentos, aliás respeitáveis, de devoção filial para com o latim, uma das mais altas expressões do génio de Roma. Trata-se, apenas, de considerações objectivas: o estudo e o uso da língua latina são duas insuprimíveis necessidades para o mundo contemporâneo.

No primeiro número do boletim *Per lo studio e l'uso del latino*, o mesmo ilustre presidente do Instituto determina os fins que tem em vista nesta campanha em prol da língua do Lácio: 1) resolver o problema lexicográfico, pela compilação de um dicionário modelar para escolas médias, superiores e universitárias, confiado a especialistas, e de léxicos com a tradução em latim de vocábulos e conceitos peculiares da ciência e cultura modernas, com o texto italiano fornecido pela colaboração das entidades técnicas respectivas; 2) promover, por meio de concursos nacionais, o uso do latim através da prosa e também, quando possível, conversações sobre matéria de

interesse científico; 3) fazer que de todas as relações, comunicações, discussões públicas na actuação dos congressos científicos nacionais e internacionais, e dos mais importantes periódicos, se publiquem resumos em latim; 4) estabelecer contacto com estudiosos dos vários países para uma acção comum, promovendo a criação de um centro internacional e redacção de um boletim de informações.

O Instituto começou imediatamente o trabalho e com o feliz êxito habitual. O Dicionário abrange o latim desde a Lei das XII Tábuas até ao século v, incluindo a latinidade cristã. Escrupulosamente foi procurada exemplificação nova para as abonações dos vocábulos registados, com verificação obrigatória dos textos para cada exemplo e, sempre que possível, com finalidade formativa. Léxicos de fraseologia das ciências modernas já estão em curso de elaboração os referentes à oceanografia, às ciências bancárias, à filosofia moderna, à acústica, etc., que são revistos por uma comissão técnica especial, que verifica o rigor científico do trabalho quanto à filologia latina e quanto à terminologia das várias ciências. O critério fundamental nas traduções é latinizar os neologismos consoante o sentido geral e o uso comum dos vocábulos no campo científico internacional, fugindo às perífrases, muitas vezes ridículas, ou aos sufixos demasiado típicos, pensando sobretudo na clareza, na precisão e no estilo.

Os concursos de prosa latina têm interessado a muitos latinistas, e, na sua tríplice modalidade — para professores e cultores do latim, para alunos universitários e para alunos do ensino médio —, nos quatro realizados até Abril de 1942, tomaram parte 87 concorrentes na 1.^a secção, 119 na 2.^a e 713 na 3.^a

O Ministério da Educação Nacional da Itália, interessando-se pelos esforços do Instituto, tendo-os na mais alta conta, comunicou aos grandes institutos científicos italianos os votos do III Congresso dos Estudos Romanos no sentido de serem feitos resumos em latim de todos os escritos contidos nas actas e memórias de cada instituição. Imediatamente o Instituto organizou uma repartição de tradução em latim, em que trabalham trinta professores, cujos resultados já se têm feito sentir no progresso desta simpática iniciativa.

*
* *

Concluiremos esta breve nota por uma referência às notáveis comemorações dos bimilenários de Horácio, Augusto e Tito Lívio, ao V Congresso dos Estudos Romanos e às comissões criadas para fomentarem o renascimento do estudo e uso da língua latina.

De Janeiro a Maio de 1935, nos Cursos Superiores de Estudos Romanos, realizaram-se séries de conferências subordinadas aos temas «A figura e o labor literário de Horácio» e «Horácio nas literaturas dos vários países» (1). Em Potenza, onde funciona a *Sezione Lucana* do Instituto, fundou-se uma cátedra horaciana, que o Prof. Paribeni, da Academia de Itália, inaugurou com uma prelecção intitulada: «O epodo XVI de Horácio e a écloga IV de Virgílio».

O Curso de Arqueologia Romana, dirigido pelo Prof. Giglioli, foi então dedicado à «Via Ápia ilustrada nos seus monumentos». Em 3 de Junho, em todas as estações da E. I. A. R., foi difundida uma conferência do Prof. Humberto Mancuso acerca do *Carmen saeculare*, que este professor considerou o primeiro hino nacional italiano. Ao findar a conferência, Mancuso leu a sua versão rítmica do carme horaciano.

A vila de Horácio na Sabina foi visitada por um numeroso grupo de alunos dos Cursos, que ouviram doudas prelecções de José Lugli e Vicente Ussani. Folhas de hera desta vila foram recolhidas, a pedido da *American Classical League*, para tecer coroas, que seriam oferecidas aos vencedores de concursos poéticos horacianos. E, em conclusão, em coincidência com a Feira do Levante, foi organizada uma viagem através da Via Ápia, segundo o itinerário de uma célebre viagem do Poeta.

Em homenagem a Augusto, no ano académico de 1936-1937, a título de preparação, e no ano augusteu de 1937-1938, os Cursos Superiores celebraram o genial estadista e fundador do

(1) Estas conferências foram depois recolhidas em dois volumes de *Studi Oraziani*.

Império Romano. Houve ciclos de conferências acerca da figura e da acção de Augusto, e outros em que se apresentaram estudos estrangeiros que versavam a figura e a acção do primeiro imperador e a fundação do Império. Seguiram-se «cadernos e volumes augusteus» e «cadernos e volumes do Império», estes subdivididos em trabalhos acerca das grandes estradas do mundo romano, do «limes» romano, de Roma e das províncias, do Império Romano e das moedas. Foi nessa altura que se iniciaram a monumental *Storia di Roma*, de que já falámos, precedida de um volume de introdução (sumários, estrutura da obra, etc.), e uma colecção de monografias intitulada «A Itália Romana». Foi anunciada então a publicação do 1.º volume da «Bibliografia da África Romana», a abranger também a Cirenaica, — instrumento utilíssimo para os estudiosos.

Sob o tema fundamental — *La funzione dell'Impero Romano nella storia della civiltà* —, realizou-se de 24 a 30 de Abril de 1938 o V Congresso Nacional de Estudos Romanos, com a representação de 303 instituições científicas e culturais. Foram apresentados 12 relatórios e feitas 368 comunicações do mais alto interesse científico. A actividade das secções provinciais — da Apúlia, da Campânia, da Ligúria, Lombarda, Lucana, Piemontesa, Sarda, da Sicília Oriental — foi também deveras notável. Houve concursos nacionais e para um volume acerca das «termas do mundo romano», a preparação do censo epigráfico do Império, a inauguração da *Ara Pacis* reconstruída na nova *Piazza dell'Augusteo*, concerto de músicas sinfónicas e melodramáticas inspiradas em assuntos romanos, a grande Exposição Augusteia da Romanidade, etc.

No ano académico de 1941-1942 chegou a vez das celebrações livianas. Concorreram a elas latinistas da maior parte dos países cultos. O nosso foi representado pelo Prof. Dr. Rebelo Gonçalves, da Universidade de Coimbra, que se ocupou de *Tito Livio e Luis de Camões*, tendo o seu trabalho sido lido pelo Dr. José Gomes Branco, leitor de Português na Universidade de Roma.

Finalmente, queremos referir-nos às comissões instituídas com o fim de trabalhar no renascimento do estudo e uso do latim, uma das actividades mais curiosas do Instituto. A principal é assim constituída: presidente: Prof. De Francisci; vogais: C.

Galassi Paluzzi, Prof. Amatucci (representante do Ministério da Educação Nacional para a Instrução Média), Prof. Bodrero, Dr. Frasccherelli (representante do Conselho Nacional de Investigações), Dr. Giustini (representante do Ministério da E. N. para a Instrução Superior), Prof. Nogara, Prof. Paribeni, Prof. Rispoli, Dr. E. Scardamaglia (representante do Ministério da E. N. para as Academias e Bibliotecas), Prof. Solmi, Prof. V. Ussani; secretário: Prof. Rispoli, que dirige a Repartição Latina.

A Comissão do Dicionário é dirigida pelo Prof. Ussani, que substitui V. Rossi, e constituem-na ainda os seguintes membros: Galassi Paluzzi, Prof. Amatucci, Prof. Rispoli, Prof. Migliorini. Para colaborar com o Conselho Nacional de Investigações, existe outra comissão, composta do Prof. Millosevich, do Dr. Frasccherelli, de G. Paluzzi, e dos Profs. Amatucci, Ussani e Rispoli.

*
* *

Ao terminar a notícia sumária das múltiplas e benemerentes actividades do Instituto de Estudos Romanos, em que apenas afluímos levemente as que se nos afiguram mais típicas ou representativas deste nobre esforço em prol da cultura, formulamos os mais ardentes votos no sentido de que em breve o labor da simpática organização cultural continue, cada vez mais prestigioso, a bem da cultura clássica, e para maior glória da Itália e da Urbe, que foi luz vivíssima do mundo antigo e que é hoje, como sempre será, verdadeira Cidade eterna do espírito.

FELISBERTO MARTINS

Nota. — Para a elaboração desta nota histórica (redigida em fins de 1943), colhemos elementos especialmente em artigos de C. Galassi Paluzzi: *L'Istituto di Studi Romani*, in *Romana*, ano VI, n.º 4 (Abril de 1942), pp. 250-258; e *La lingua di Roma nel mondo e l'opera dell'Istituto di Studi Romani*, in *Per lo studio e l'uso del latino*, ano I, n.º 1 (1939), pp. 1-11. Os números estatísticos são referentes a Abril de 1942.

É-nos grato saber que a actividade do Instituto de Estudos Romanos, embora prejudicada por circunstâncias resultantes da última guerra, está agora em condições de retomar o seu curso normal. Dirige actualmente a benemérita corporação o Prof. Quinto Tosatti.

Dos estudos clássicos em França

O professor universitário francês tem o mais elevado conceito da sua missão: criar escola. Em vez de mostrar-se o erudito profundo que na realidade é, prefere ser o orientador, revelando desde cedo a seus discípulos métodos de trabalho.

Não é por isso sem satisfação (e sem surpresa...) que se verifica, ao transpor as portas de qualquer universidade, que o professor (e ainda o director de estudos, quando existe) recebe os alunos a hora fixa em um ou mais dias da semana.

Como um pouco por toda a parte, o grego e o latim foram discutidos em França. Embora sejam hoje geralmente aceites, o desejo, contudo, de aperfeiçoar o ensino e de definir o humanismo não diminuiu, e a prová-lo aí estão os três Congressos da Association Guillaume Budé. A conclusão geral é que as críticas às humanidades clássicas *visent moins la culture elle-même que la façon dont on la dispense*.

Pais de profunda tradição clássica, à qual deve a maior parte do seu prestígio intelectual, não quer deixá-la desaparecer. Com visão larga do que é o verdadeiro humanismo, fará de bom grado concessões ao chamado humanismo moderno: este seria, contudo, impossível sem uma forte contribuição da cultura greco-latina. Por isso não romperá com ela.

O ensino secundário está dividido em dois ciclos. O primeiro compreende uma secção clássica e uma secção moderna: esta sem latim nem grego, aquela com latim desde a *sixième*; o segundo compreende uma secção moderna, sem línguas antigas, e três secções clássicas: A, B e C. O latim e o grego são, porém, diferentemente distribuídos: aquele é obrigatório nas três secções; este só o é na secção A, desde a *quatrième*.

Resulta, pois, que no ensino secundário pode haver seis anos de latim e quatro de grego, com horário semanal que não é inferior ao do francês: a média do latim excede até a da língua materna em uma hora, aproximadamente; o grego manterá sempre três horas. Deste modo os programas, além de Fedro, C. Nepos, César e Esopo, incluem a Cícero, Ovídio, Salústio, Virgílio, Tito Lívio, Tácito, Horácio, Séneca, — e a Xenofonte, Luciano, Plutarco, Homero, Eurípides, Sófocles, Aristóteles, Platão, Demóstenes.

Se no Liceu os estudos clássicos ocupam já o primeiro plano, era natural que na Faculdade não tivessem menos importância. A licenciatura em Letras é obtida com quatro certificados: Grego, Latim, Gramática e Filologia, e Francês. Nas licenciaturas de História, Filosofia e Línguas Modernas (e cada uma constitui, por si só, licenciatura e agregação) o candidato escolherá ou o Grego ou o Latim. É de certo modo o pensamento do Prof. Boyancé, que afirmou não há muito tempo: *un historien doit pouvoir se réclamer de Thucydide ou de Tacite, un philosophe de Platon; un commentateur de Goethe ne peut ignorer Homère et Euripide; ou de Shakespeare, Plutarque ou César*.

Pode assim obter-se a licenciatura em dois anos; com outro para a agregação, fica-se professor efectivo do Liceu (o que, parece, não vai sem alguns inconvenientes de ordem pedagógica).

A questão da pronúncia do latim pôs-se em França. Agitou o problema com a sua competência de linguista o Prof. Marouzeau. Não o fez sem trazer a si muitos simpatizantes e logo executores da sua ideia; diga-se, todavia, que há professores para quem o assunto é de importância secundária.

O método directo tem os seus defensores; mas o método directo não significa falar em latim ou em grego, porquanto os que o aprovam são os primeiros a afirmar *qu'il ne faut jamais oublier que le but à atteindre dans l'étude d'une langue morte est la lecture des textes et non la conversation, qu'il s'agit de mettre nos élèves en état de comprendre une page de Démocrate ou d'Aristophane et non de causer avec les matelots du Pirée*. Apesar disso, é frequente o uso da conversação em latim nos anos de iniciação; na Universidade é que nunca. O que importa, diz-se, é o contacto directo com o texto, a sua

interpretação, o seu conteúdo humano, sem que para isso, é claro, se possa pôr de lado o estudo, e aprofundado, da língua. Também a tradição de redigir em latim ou em grego se perdeu; desde 1904 só muito excepcionalmente terá tido lugar.

Há um ambiente de classicismo greco-latino entre os estudantes, que eles próprios se encarregam de criar, orientados pelo director de estudos ou outros professores. Desde as bibliotecas privativas de estudos clássicos, os ciclos de conferências, os cursos para principiantes, dirigidos em Paris pelo Grupo de Estudos Antigos (1), até ao Grupo de Teatro Antigo da Sorbona, que tem percorrido boa parte da França a representar os trágicos gregos e comediógrafos latinos, — eis um amplo e vasto programa. Fora destas actividades escolares, apontem-se a Société des Études Latines e a Association pour l'Encouragement des Études Grecques.

As revistas da especialidade não faltam: «Revue des études latines», «Revue de philologie, de littérature et d'histoire anciennes», «Revue des études grecques», «Revue des études anciennes», «Revue archéologique», «Bulletin de la Société de Linguistique», «Bulletin de correspondance hellénique», «Revue d'histoire des religions». Juntemos-lhes os «Mélanges» da Escola Francesa de Roma e da de Atenas, e dê-se relevo particular ao arquivo bibliográfico «Année philologique», dirigido pelo Prof. Marouzeau, que nos põe ao corrente da bibliografia não

(1) Transcrevemos do Anuário Oficial da Universidade de Paris: «Ce groupe [d'études anciennes] est destiné aux étudiants en langues et littératures grecques et latines. Il a pour but de renseigner et de guider, d'après les indications de M. Ernout, Directeur d'études, les étudiants dans la préparation de leurs examens et d'une manière générale dans des études plus approfondies. Il organise, avec l'approbation du Directeur d'études, des réunions de travail, des exercices pratiques sur les textes du programme, des conférences relatives aux littératures et civilisations antiques, introduction à la philologie, et des travaux pratiques de grec et de latin destinés aux étudiants en philosophie, histoire et langues étrangères, ainsi que des cours élémentaires de grec et de latin, destinés aux débutants. Un service de devoirs par correspondance fonctionne pour les étudiants de province (licence et agrégation).» O preço anual da inscrição é de vinte e cinco francos.

só dos autores antigos, mas também dos que se serviram do grego e do latim na Idade Média e no Renascimento.

A principal colecção de clássicos é a da Association Guillaume Budé (Les Belles-Lettres): edições críticas, ao par das últimas investigações. Segue-se-lhe, a distância, a colecção Garnier, e vêm depois inúmeras edições escolares: Colin, Hachette, Hatier... Por outro lado, as colecções de estudos das livrarias Alcan, Les Belles-Lettres, G. de Boccard, Klincksieck, Payot, Presses Universitaires...

Paris é naturalmente o grande centro de cultura clássica. Não andarão longe de vinte o número de professores e assistentes da Faculdade de Letras, onde funcionam os Institutos de Epigrafia, de Estudos Latinos, de Linguística e Neo-Helénico. O Colégio de França prepara para as grandes especializações: cursos de Epigrafia e Antiguidades Gregas, Civilização Romana e Latim Medieval. Em complemento da Faculdade de Letras há a Escola de Altos Estudos, com a secção de Ciências Históricas e Filológicas: Epigrafia, Antiguidades Gregas e Latinas, Filologia Clássica, Ciências Auxiliares e Crítica de Textos, Filologia Bizantina e Literatura Latina Medieval. Mais do que em qualquer outro lugar, há aqui o verdadeiro trabalho de colaboração, donde, por isso, têm saído não poucas das melhores teses universitárias. A secção de Letras da Escola Normal Superior inclui também cursos sobre a antiguidade clássica.

É conhecido o prestígio da universidade francesa; pode com razão perguntar-se donde lhe vem.

Não esqueçamos que a França é um país excepcionalmente rico (e de situação geográfica privilegiada), o que faz muito ao caso. Assim, pode permitir-se o que não é concedido a todos: por exemplo, o funcionamento das Escolas de Atenas e de Roma. Mas isto não bastaria, se o trabalho não estivesse convenientemente organizado: organização que não sofreu quebra com a guerra: continua-se a investigar e a publicar (1), e as três horas semanais de actividade escolar mantêm-se.

(1) Lembre-se a reedição (trabalho quase totalmente novo) de Salústio pelo Prof. Ernout e o 1.º volume de Tito Lívio e o de Terêncio

O professor de Grego não regerà nunca Latim, assim como o de Latim não regerà Grego. É impossível — afirma-se — estar ao corrente dos problemas que respeitam às duas línguas e civilizações. Adentro das duas culturas o professor limita ainda o seu campo de investigação: os professores Chapouthier e Bayet põem quase inteiramente de parte na explicação de autores o estudo linguístico do texto, para se consagrarem à análise das ideias; os professores Mathieu, Ernout e Marouzeau fazem sensivelmente o contrário. Por isso não é de estranhar o valor das teses universitárias. O plano é previamente submetido ao Conselho da Faculdade e a tese só pode ser apresentada mediante a aprovação da Universidade. Não há precipitações na sua redacção. Qualquer estudo de investigação histórica ou literária leva frequentemente dez anos a concluir. O que é mais significativo é que o candidato trabalha a grande maioria das vezes em estreita colaboração com o professor da especialidade.

Mestres competentes, excelente tradição cultural, ambiente propício, organização adequada e especialização das matérias de ensino, e contacto directo entre professor e aluno, — tais são as condições em que se desenvolvem os estudos clássicos em França.

LUÍS DE MATOS

pelos Profs. Bayet e Marouzeau, para só falar de textos publicados por Les Belles-Lettres; e ainda a Introdução à *Iliada* pelo Prof. Mazon (com a colaboração de Chantraine e Collart) e a *Gramática Homérica* de Chantraine.